



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem  
Brasil

Rodrigues de Araújo, Paula Vanêssa; Vieira, Maria Jésia

A questão da morte e do morrer

Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 57, núm. 3, mayo-junio, 2004, pp. 361-363

Associação Brasileira de Enfermagem

Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019636022>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## A QUESTÃO DA MORTE E DO MORRER

Paula Vanêssa Rodrigues de Araújo\*  
Maria Jêsia Vieira\*\*

### Resumo

Este estudo traz uma reflexão sobre a morte e o morrer, que são falados como se tivessem o mesmo sentido. Atualmente fala-se da morte o menos possível e com sua negação, surgiu o negar da doença, ficando o doente totalmente entregue nas mãos da equipe de saúde. Os avanços tecnológicos e científicos levaram ao adiamento da morte, podendo-se prolongar temporariamente o que o homem resolveu chamar de vida, passando a ser essa a grande crítica dos estudiosos que procuram reconduzir a morte ao seu lugar, tentando trazê-la novamente ao centro das reflexões, análises e discussões dentro das mais diversas áreas.

**Descritores:** morte; morrer; morte e morrer

### Abstract

*This study brings about a reflection on death and dying, commented as if they had the same meaning. Nowadays, one talks about death as seldom as possible and, by its negation, there appeared the negation of diseases, thus causing the diseased people to become totally dependant on health teams. Technological and scientific advances led to postponing death, and it is possible to temporarily extend what humans decided to call life. This has become the great piece of criticism by scholars that seek to lead death again to its place by trying to bring it again into the center of reflections, analyses and discussions within the most diverse areas.*

**Descriptors:** death; dying; death and dying

**Title:** The issue of death and dying

### Resumen

*Este estudio trae una reflexión sobre la muerte y el morir que se toman como si tuvieran el mismo significado. Actualmente se habla de la muerte lo menos posible y con su negación, surgió el negar la enfermedad, quedándose el enfermo entregado totalmente a las manos del equipo de salud. Los avances tecnológicos y científicos llevaron a posponer la muerte, pudiendo prolongarse temporalmente lo que el hombre decidió llamar de "vida", pasando a ser esta es la crítica más seria de los expertos que intentan devolver la muerte a su lugar, intentando traerla nuevamente al centro de las reflexiones, análisis, y discusión en todas las áreas.*

**Descriptores:** muerte; morir; la muerte y el morir

**Título:** Una reflexión sobre la muerte y el morir

## 1 A questão da morte e do morrer

Este estudo objetiva contribuir com a discussão sobre a "morte e o morrer", o que não seria possível sem que houvesse a compreensão do que se pensa sobre estes fenômenos.

São várias as formas de definir morte e morrer. Semanticamente, morte significa "destruição, ruína, fim. Ato de morrer. O fim da vida animal ou vegetal"<sup>(1:947)</sup>. No sentido figurado esse mesmo autor define morte como "uma grande dor. Pesar profundo. Uma entidade imaginária da credence popular representada em geral por um esqueleto humano armado de foice com a qual ceifa as vidas", e define morrer como "perder a vida, falecer, findar-se, expirar, perecer".

Do ponto de vista filosófico, determinados autores<sup>(2-4)</sup> discutem a morte como uma condição inerente ao ser vivo, sendo esta a única certeza que se tem do desdobramento da existência humana. Assim, "morrer não é tornar-se outro, mas vir a ser nada ou transformar-se em absolutamente outro"<sup>(2:17-18)</sup>.

Outros autores<sup>(5-7)</sup> a definem como um referencial para o estudo da compreensão da vida, não significando apenas a destruição, mas, mostrando que o ciclo da criação e da destruição é eterno. É um acontecimento que completa a existência humana o que significa que cada pensamento, cada emoção, cada gesto e cada passo na vida aproxima o homem da morte.

Verifica-se que há uma diferenciação semântica entre esses fenômenos, em geral falados como se fossem um único, sendo entendida a morte como um fenômeno individual e único, um momento em que se encerra a vida biológica. Ela pode ser acompanhada por outra pessoa, mas é vivida apenas por quem está morrendo<sup>(8)</sup>. Já o morrer é um processo que ocorre ao longo da vida e que precisa ser compreendido existencialmente<sup>(9)</sup>. Assim, ele pode ser experimentado, mas a morte nunca. Seguindo esta linha de pensamento, "o morrer está pontuado por sucessivas mortes que antecedem a morte final"<sup>(10:367)</sup>, ocorrendo, desse modo, a cada momento da vida. Sendo assim, essas duas questões devem ser compreendidas e respeitadas da mesma forma que se tenta compreender a vida e suas fases.

Entretanto, no dia-a-dia tem-se dificuldades para entendê-las e enfrentá-las, como um acontecimento integrante de nossa existência que, tal como o nascer, será vivido por todos: uns mais cedo outros mais tarde<sup>(11)</sup>. O ser humano não está preparado para aceitar a imposição de que seu destino é morrer e prefere acreditar que a morte é o começo de uma nova vida infinita<sup>(12)</sup>.

A vida é sempre vista separada da morte, a qual é concebida e vivenciada como um fracasso. Com essa visão, há o esquecimento de que a partir do momento em que se nasce, tem-se idade suficiente para morrer pois que a vida e a morte chegam juntas ao mundo<sup>(8)</sup>.

Esta idéia não é fácil de ser assimilada pela lógica natural, biológica do ser vivo que nasce, cresce, torna-se adulto, reproduz-se, envelhece e morre. É esta lógica que torna particularmente difícil por um lado, entender e aceitar o "ver" a criança presa ao leito, cheia de tubos e demais aparatos da tecnologia moderna, ao invés de estar a pular e a saltitar pelos parques e jardins. Aceitar o morrer da criança torna-se difícil e mais difícil ainda é o ajudá-la a enfrentar a morte, como se a ocultação e a interdição pudessem poupá-la do sofrimento<sup>(13)</sup>.

Apesar da morte estar presente na vida de cada ser humano, atualmente representa a "conspiração do silêncio", o medo do sofrimento, da degeneração, da solidão, do abandono. É a imagem do homem privado de sua morte, de sua humanidade<sup>(14,15)</sup>. Fala-se dela o menos possível usando-se de eufemismo ao fazer-lhe alusões, no intuito de mantê-la distante do mundo dos vivos. É um tema interditado, supostamente ignorado, negado por uma sociedade adoradora do mito da juventude e que está orientada para o progresso, tendo no entanto, significados diferentes de pessoa para pessoa<sup>(12,16,17)</sup>. De uma forma geral, faz-se sua representação através de figuras mórbidas, nebulosas, sombrias. O silêncio, a negação, a dissimulação, envolvem-na como se fosse possível eliminá-la da vida.

\* Enfermeira. Mestre em Saúde da Criança. Mestranda em Ciências da Saúde. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Sergipe. \*\*Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade

Ao situar-se dentro da questão, a autora faz uso da definição que coloca a morte além da destruição. Esta é a que mais se aproxima de pensá-la, levando-a a crer que a vida não finda com a morte do corpo, que existe algo além desta passagem pela Terra, apesar desse “algo” não estar bem definido.

O silêncio relativo em torno da morte e do morrer, acrescenta a autora, levou-a a não pensar sobre estas questões, até que viesse a formação profissional. Esta trouxe para bem próximo o morrer e a morte, até então considerados sinônimos. A proximidade, quase que diária, com eles incumbiu-se de estabelecer a diferença entre ambos. Fez também com que passasse a questionar o porquê da criança vir a morrer, contrariando a lei natural da vida, provavelmente devido à recusa em aceitar essa realidade. Trouxe consigo, o medo. Não o medo da morte em si. Mas, o medo do morrer.

Acredita-se que o vazio da morte seja menos sentido que o morrer. Essa talvez seja mais amena, menos dolorida, especialmente quando se acredita que ela leva ao encontro da paz tão almejada pelo homem durante sua vida. Já o ato de morrer, este sim, é doloroso, às vezes cruel, pois envolve as perdas diárias da caminhada da vida que, de um modo geral, levam ao sofrimento tanto físico quanto emocional. O que se deseja é que ele venha sem dor, sem a tão temida dor física, e que traga consigo a morte repentinamente. Assim, a tão temida morte súbita, considerada amaldiçoada pelos antepassados se transforma, na contemporaneidade, na morte desejada para si e para os que lhe são afetivamente mais próximos.

A crítica dos estudiosos sobre a maneira de morrer, a desumanidade e a crueldade da morte solitária nos hospitais tem crescido nos dez últimos anos. Tem sido também causa de preocupação, o novo modelo de morte, a “morte aceitável”, na qual a morte se torna uma decisão voluntária dos médicos(as) em cumplicidade com a família, que prevêem a hora da morte e estabelecem a trajetória da agonia. Se o doente se conforma, tudo normal. Caso isso não ocorra e o doente venha a morrer de modo diferente do previsto, surge a “morte embaraçosa” ou seja, aquela que ao quebrar o equilíbrio normal do meio hospitalar, cria um estado de crise para os profissionais e de desequilíbrio para o hospital de um modo geral<sup>(25)</sup>.

Ao se questionar as consequências e os valores ditados pela sociedade industrial capitalista, é compreensível esse súbito interesse pela morte. Este, sugere uma ruptura do silêncio imposto por essa mesma sociedade restituindo-se a dignidade da morte que só será reconhecida, quando ela for considerada como um acontecimento essencial, que não permite ser escamoteado.

Todas estas críticas procuram reconduzir a morte ao discurso de que fora banida. Apesar deste silêncio, desta interdição, a morte não se deixa vencer com facilidade<sup>(5,23)</sup>. Rejeitada, expulsa da sociedade, negada, a morte volta pela janela, sempre em sua ronda implacável. Volta tão depressa como desapareceu. E assim, possa ser que ela volte a ser algo de que se fala, achando-se o interdito também ameaçado.

O primeiro passo para a quebra do interdito, apesar da repressão, negação e expulsão da morte e do morrer da consciência coletiva, é o fato dessas temáticas voltarem a ser objeto de reflexões, análise e discussões entre os estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento. Neste início de século com o surgimento do “home care” talvez se possa num futuro muito próximo, reconduzir a dignidade da morte, deixando ao doente a opção de morrer em casa ou no hospital. Isso leva à crença de que existe a esperança de que a sociedade atual reaprenda que a morte é parte essencial da vida e que a livre discussão do processo do morrer e da perda, possam contribuir para uma melhoria da qualidade de vida/morte.

## Referências

1. Ferreira ABH. Dicionário da Língua Portuguesa – Básico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 1998.
2. Rodrigues JC. Tabu da morte. Rio de Janeiro: Achiamé; 1983. 296 p.
3. Santos GF. A morte sob a ótica da racionalidade. *Enferm Rev, Belo Horizonte (MG)* 1993 out;31(4):9-34.
4. Gauderer EC. A criança, a morte e o luto. *In: Crianças, adolescentes e nós: guia prático para pais, adolescentes e profissionais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Revinter; 1998. p.322-35.
5. Aries P. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1981. 312 p.
6. Prado ML. Uma narrativa sem epílogo. Reflexões acerca do sentido da morte violenta a partir do pensamento de Pasolini. *Texto & Contexto Enferm, Florianópolis (SC)* 1995 jul/dez; 4(2):30-7.
7. Pinto LF. As crianças do Vale da Morte – Reflexões sobre a criança terminal. *Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro* 1996; 72(5):287-94.
8. Hillman J. A experiência da morte. *In: Suicídio e Alma*. Petrópolis (RJ): Vozes; 1993. p.69-91.
9. Böemer MR. A morte e o morrer. São Paulo: Cortêz; 1986. 135 p.
10. Oliveira MAP, Ogasawara M. Uma contribuição para uma postura humana em situação que se relaciona com a morte. *Rev Esc Enf USP, São Paulo* 1992; 26(3):365-378.
11. Adorno Y. Conversando com a criança sobre a morte. *Campinas (SP): Psy*, 1994; 20 p.
12. Araújo PVR, Vieira MJ. As atitudes do homem frente a morte e o morrer. *Texto & Contexto, Florianópolis (SC)* 2001 set/dez; 10(3): 101-17.
13. Araújo PVR, Vieira MJ. Percepção da criança sobre a morte e o morrer. *Rev Enferm UERJ, Rio de Janeiro* 2000 jan/jun; 8(1): 52-5.
14. Torres WC. O conceito de morte na criança. *Arq Bras Psic, Rio de Janeiro* 1979 out;31(4):9-34.
15. Carvalho MMMJ, coordenadora. Introdução à Psiconcologia. *Campinas (SP): Psy II*; 1994. 285 p.
16. Barros MGC. Aspectos éticos da assistência de enfermagem em fase terminal da doença. *Recife (PE): UFPE*; 1980. 64 p.
17. Santos RM. A enfermeira diante da morte de pacientes: sentimentos, atitudes, fatores intervenientes – um estudo exploratório [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1984. 177f.
18. Kubler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 1985. 289 p.
19. Cassorla RMS, coordenadora. Como lidamos com o morrer – reflexões suscitadas no apresentar este livro. *In: Da morte: estudos brasileiros*. Campinas (SP): Papirus; 1991. p. 7-22.
20. Magalhães ZR, Santos GF, Caldeira VP. Morte nas instituições de saúde: uma abordagem ética. *Enferm Rev, Belo Horizonte (MG)* 1995 dez; 2(4):15-9.
21. Loureiro MFF. O sentido do comportamento materno diante da morte do filho [dissertação de mestrado em Enfermagem]. Fortaleza (CE): Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Ceará; 1996.139f.
22. Aries P. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1982. 347 p.
23. Aries P. Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média. 2ª ed. Lisboa: Teorema; 1989. 190 p.
24. Bromberg MHPF. A psicoterapia em situações de perdas e luto. *Campinas (SP): Psy II*; 1994. 285 p.
25. Santos CAF. Os profissionais de saúde enfrentam – negam A morte. *In: Martins JS, organizador. A morte e os mortos na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Hucitec; 1983. p.15-24.
25. Torres WC. O tabu frente ao problema da morte. *Arq Bras Psic, Rio de Janeiro* 1979 jan/mar;32(1):53-62.